

Título	Expansão da Geração na Era Pós-Hidrelétrica
Veículo	Canal Energia
Data	06 agosto 2015
Autores	Claudio J. D. Sales e Alexandre Uhlig

CanalEnergia.com.br

Artigos e Entrevistas

Claudio Sales e Alexandre Uhlig, do Instituto Acende Brasil: Expansão da Geração na Era Pós-Hidrelétrica

O Brasil ainda dispõe de um grande potencial hidrelétrico a ser explorado e é importante que os melhores aproveitamentos hidráulicos sejam desenvolvidos, mas a previsão é que, a partir de 2030, restem poucos aproveitamentos viáveis ainda por explorar

Claudio Sales e Alexandre Uhlig, do Instituto Acende Brasil, para a Agência CanalEnergia, Artigos e Entrevistas

06/08/2015

A geração hidrelétrica sempre dominou a matriz elétrica brasileira. Além de ser uma fonte renovável, a hidroeletricidade apresenta características importantes para a operação do sistema. Seus reservatórios permitem alocar a produção de energia para os momentos em que a energia é mais necessária. Suas turbinas são versáteis, permitindo seu uso em serviços auxiliares, necessários para a segurança e estabilidade do sistema.

Em 2014, as hidrelétricas representavam 67% da capacidade instalada para gerar eletricidade no Brasil. Quarenta por cento de todo o potencial hidráulico foi explorado e, até 2023, o planejamento oficial prevê a exploração de 14,7 GW adicionais, aumentando o potencial explorado para 46%.

A exploração do restante do potencial hidráulico, cuja grande parte encontra-se na Amazônia, já tem sido limitada por uma série de razões, incluindo preocupações com a população indígena e com as áreas protegidas (unidades de conservação) existentes na região.

Segundo cenários da Agência Internacional de Energia (IEA), a capacidade instalada de energia hidrelétrica aumentará mais do que qualquer outro tipo de fonte: os 67 GW adicionais levarão essa fonte a atingir 151 GW em 2035. Tal volume é o suficiente para a energia hídrica continuar a ser a principal fonte de geração de energia no Brasil, mesmo que a sua participação caia para 58% em 2035. Em outras projeções, como as da Plataforma Cenário Energético 2050, a previsão é que em 2050 a participação da hidroeletricidade na matriz elétrica brasileira em termos de capacidade instalada caia ainda mais e chegue a 40%.

O Brasil ainda dispõe de um grande potencial hidrelétrico a ser explorado e é importante que os melhores aproveitamentos hidráulicos sejam desenvolvidos, mas a previsão é que, a partir de 2030, restem poucos aproveitamentos viáveis ainda por explorar.

Portanto, será necessário recorrer a outras fontes para atender ao crescimento da demanda por energia elétrica. Quais serão essas fontes? Quais serão os efeitos da redução da participação hidrelétrica na matriz elétrica? Quais as mudanças necessárias para lidar com essa transição? Como isso afetará o planejamento e operação do sistema elétrico? Quais serão os principais desafios socioambientais? Como ficarão as emissões de gases de efeito estufa? Qual será o impacto sobre a tarifa de energia? Essas e outras perguntas serão debatidas por especialistas internacionais e brasileiros no Brazil Energy Frontiers 2015 (www.brazilenergyfrontiers.com), congresso que será realizado nos dias 19 e 20 de agosto em São Paulo.

Claudio J. D. Sales e Alexandre Uhlig são do Instituto Acende Brasil

A geração hidrelétrica sempre dominou a matriz elétrica brasileira. Além de ser uma fonte renovável, a hidroeletricidade apresenta características importantes para a operação do sistema. Seus reservatórios permitem alocar a produção de energia para os momentos em que a energia é mais necessária. Suas turbinas são versáteis, permitindo seu uso em serviços auxiliares, necessários para a segurança e estabilidade do sistema.

Em 2014, as hidrelétricas representavam 67% da capacidade instalada para gerar eletricidade no Brasil. Quarenta por cento de todo o potencial hidráulico foi explorado e, até 2023, o planejamento oficial prevê a exploração de 14,7 GW adicionais, aumentando o potencial explorado para 46%.

A exploração do restante do potencial hidráulico, cuja grande parte encontra-se na Amazônia, já tem sido limitada por uma série de razões, incluindo preocupações com a população indígena e com as áreas protegidas (unidades de conservação) existentes na região.

Segundo cenários da Agência Internacional de Energia (IEA), a capacidade instalada de energia hidrelétrica aumentará mais do que qualquer outro tipo de fonte: os 67 GW adicionais levarão essa fonte a atingir 151 GW em 2035. Tal volume é o suficiente para a energia hídrica continuar a ser a principal fonte de geração de energia no Brasil, mesmo que a sua participação caia para 58% em 2035. Em outras projeções, como as da Plataforma Cenário Energético 2050, a previsão é que em 2050 a participação da hidroeletricidade na matriz elétrica brasileira em termos de capacidade instalada caia ainda mais e chegue a 40%.

O Brasil ainda dispõe de um grande potencial hidrelétrico a ser explorado e é importante que os melhores aproveitamentos hidráulicos sejam desenvolvidos, mas a previsão é que, a partir de 2030, restem poucos aproveitamentos viáveis ainda por explorar.

Portanto, será necessário recorrer a outras fontes para atender ao crescimento da demanda por energia elétrica. Quais serão essas fontes? Quais serão os efeitos da redução da participação hidrelétrica na matriz elétrica? Quais as mudanças necessárias para lidar com essa transição? Como isso afetará o planejamento e operação do sistema elétrico? Quais serão os principais desafios socioambientais? Como ficarão as emissões de gases de efeito estufa? Qual será o impacto sobre a tarifa de energia? Essas e outras perguntas serão debatidas por especialistas internacionais e brasileiros no Brazil Energy Frontiers 2015 (www.brazilenergyfrontiers.com), congresso que será realizado nos dias 19 e 20 de agosto em São Paulo.

Claudio J. D. Sales e Alexandre Uhlig são do Instituto Acende Brasil (www.acendebrasil.com.br)